

# CONTRIBUIÇÃO DO PE. ALMIR MAGALHÃES

---

1. O Objetivo Geral como grande Horizonte
2. Passos metodológicos para a realização do processo de planejamento que culmina com o PLANO, ou seja, o registro como produto “final” De todo o processo. É o registro por escrito das decisões tomadas para dar andamento ao trabalho.

Dois aspectos que não podem ser esquecidos no que diz respeito ao objetivo e ao plano em si:

- a) O objetivo é o horizonte, é para onde todos olham como um referencial, meta ampla e que norteia o rumo e serve para conferir o rumo. Ele ilumina e orienta. Geralmente ele é esquecido durante a execução do plano. Traz embutido uma cristologia e uma eclesiologia.
- b) O próprio Plano, fruto de um processo participativo, segundo os bons humoristas tem a vocação para a gaveta. Isto é constatável.

## EVANGELIZAR

A tarefa da evangelização foi descrita por Paulo VI com estas palavras: *“Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores, mas de chegar a atingir e como que transformar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação... É preciso evangelizar não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as suas raízes...”* (EN. 19-20). Esta definição de evangelização é o que temos de melhor até então. Deve servir de parâmetro para avaliarmos se o que estamos fazendo é de fato evangelização ou não.

## A PARTIR DE JESUS CRISTO E NA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO

O Papa Bento XVI afirmou e está registrado no Documento de Aparecida que *“não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoções fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, o qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez” A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”* (DAP, n. 12).

É indispensável neste contexto, a docilidade ao Espírito Santo que é o protagonista da missão e que nos dá força para nossas iniciativas pastorais e a caminhada da Igreja.

Neste sentido, o livro dos Atos dos Apóstolos, é inspirador na medida em narra a forma como a comunidade primitiva acolheu a mensagem de Jesus e como foi se consolidando a Igreja

primitiva, tornado-se desta forma o modelo normativo, todas as vezes que o Espírito Santo é citado, existe uma ligação direta com a missão (como exemplo cf. At. 2, 1-13; 7,55 ; 8,26 ss.; 13, 2-4; 15, 28-29; 16, 6-10), significando pois ser uma comunidade que estava atenta ao sopro do Espírito Santo.

Um dos critérios para se medir o nível de nossa espiritualidade é ver quais os frutos que ela, processualmente, está produzindo, especialmente numa perspectiva comunitária e não intimista. É ver qual a nossa docilidade ao Espírito Santo, que se traduz na fertilidade da ação, no compromisso com a vida em todas as suas dimensões, incluindo aí a Criação. É avaliar o nível de seguimento e de discipulado da comunidade, do grupo, da pastoral, já que toda espiritualidade deve se constituir como **espiritualidade do seguimento**, cujo alimento é a Eucaristia.

### COMO IGREJA DISCÍPULA, MISSIONÁRIA E PROFÉTICA

São três notas que dão uma tonalidade, uma configuração na forma de a Igreja se expressar. Ressalte-se, em primeiro lugar, a compreensão de Igreja através da categoria fundamental expressa pelo Concílio Vaticano II como POVO DE DEUS, tendo como fundamento a vida trinitária, o batismo, eclesiologia de comunhão e como desdobramento a responsabilidade de todos na missão da Igreja.

Aqui vale lembrar o Documento Conciliar *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, quando afirma: *“Do mesmo modo que Jesus Cristo consumou a redenção na pobreza e na perseguição, assim também, para poder comunicar aos homens os frutos da salvação, a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho. Cristo Jesus, “sendo de condição divina, aniquilou-se e tomou a condição de servo” (Fl. 2,6) e por causa de nós “fez-se pobre, ele que era rico” (2Cor. 8,9); assim a Igreja que certamente precisa de recursos humanos para cumprir sua missão, não foi criada para buscar glórias terrenas, mas para pregar, também com seu exemplo, a humildade e a abnegação... A Igreja “continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, anunciando a cruz e a morte do Senhor, até que ele venha” (1Cor 11,26).*

Para sermos uma Igreja profética, precisamos recuperar este espírito, porquanto para ser discípula, de seguir os passos do mestre se faz necessário uma espiritualidade kenótica, a partir de um cristianismo com cruz.

*“Evangelizar é uma ação eminentemente profética, anúncio de uma Boa Nova portadora de esperança”. Trata-se, com efeito, de anunciar Jesus Cristo como caminho de salvação e a resposta para os graves problemas que nos afligem. (Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios – Doc. 80 da CNBB, p.22).*

No que diz respeito à nota MISSIONÁRIA, temos uma questão: nos planos de pastorais vemos com freqüência a MISSÃO ser definida como uma prioridade. Na verdade isto não procede na medida em que a “Igreja é, por sua natureza, missionária” (Dec. AG. N.2).

Não podemos ser reducionistas e acreditar que, por si só, as missões populares possam tornar uma Igreja particular, uma paróquia, uma área pastoral, mais ou menos missionária. Elas têm um apelo e adesão popular muito forte, mas não torna a Igreja missionária, principalmente porque não renova as estruturas que permanecem as mesmas. As visitas missionárias têm um

papel importante porque se baseiam no encontro entre pessoas, vão revelando proximidade, mas estas também precisam ser repaginadas e o pessoal que exerce este ministério precisa de um mínimo de preparação.

O Documento de Aparecida foi muito feliz quando nos seus dez capítulos conseguiu articular bem o conceito de missão em três eixos interpenetrados entre si: Discipulado-missão-vida. Entender a missão é entender a figura missionária de Jesus de proximidade junto aos outros e estar a serviço da vida. Não há outra maneira de amar a Deus, que não seja passar pelo próximo, (Parábola do Bom Samaritano), uma missão que comunica vida: *“A vida se acrescenta dando-a, e se enfraquece no isolamento e na comodidade. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a margem de segurança e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais. O Evangelho nos ajuda a descobrir que o cuidado enfermício da própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. “quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo. 12,25). Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão.”*(Dap. 360).

### ALIMENTADA PELA PALAVRA DE DEUS E PELA EUCARISTIA

Tudo o que vimos até aqui tem como base uma mística, uma espiritualidade e aí devemos desdobrar a centralidade da pessoa e da proposta de Jesus Cristo, tendo como suporte a Palavra de Deus e a espiritualidade eucarística. A Exortação Apostólica VERBUM DOMINI, do atual Papa diz que *“a missão da Igreja não pode ser considerada como realidade facultativa ou suplementar da vida eclesial. Trata-se de deixar que o Espírito Santo nos assimile a Cristo, participando assim na sua própria missão: Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”*(Jo, 20,21), de modo a comunicar a Palavra com a vida inteira. *É a própria Palavra que nos impele para os irmãos: é a Palavra que ilumina, purifica, converte: nós somos apenas servidores... e continua... Não se trata de anunciar uma palavra anestésica, mas desinstaladora, que chama à conversão, que torna acessível o encontro com Ele, através do qual floresce uma humanidade nova.* (VD, 93).

De igual forma, a espiritualidade eucarística, tão ausente em nosso meio, é fundamento para a missão. Por sinal, os dois últimos documentos sobre a Eucaristia – **Mane nobiscum Domine, de João Paulo II e Sacramentum Caritatis do Papa Bento XVI**, articulam muito bem o significado e a repercussão que devem ter em nossa vida ao participarmos do Mistério Pascal.

O primeiro doc. citado, na IV parte se intitula A EUCARISTIA, PRINCÍPIO E PROJETO DE MISSÃO. Nesta parte o Papa afirma que *“O encontro com Cristo, continuamente aprofundado na intimidade eucarística, suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e evangelizar... A despedida no final de cada missa constitui um mandato, que impele o cristão para o dever da propagação do Evangelho e da animação cristã da sociedade”... há ainda um ponto para o qual queria chamar a atenção, porque sobre ele se joga notavelmente a autenticidade da participação da Eucaristia celebrada na comunidade: é o estímulo que ela dá a um compromisso real na edificação de uma sociedade mais eqüitativa e fraterna... não é por acaso que no Evangelho de João se encontre não a narração da instituição eucarística, mas a do “lava pés” (cf. Jo 13, 1-20); inclinando-se para lavar os pés de seus discípulos, Jesus explica de forma inequívoca o sentido da Eucaristia( MND, 24,28 respectivamente).* Finalmente afirma:

*“Não podemos nos iludir: o amor mútuo e, em particular, da solicitude por quem passa necessidade, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. Jo 13,35; Mt. 25, 31-46). Com base neste critério, será comprovada a autenticidade das nossas celebrações eucarísticas”(MND, 28).*

Igualmente o Documento Sacramentum Caritatis, dividido em três partes: (Eucaristia, Mistério acreditado, Mistério celebrado e Mistério Vivido) dá ênfase na terceira parte sobre a relação entre Eucaristia x Vida. Afirma que *“os padres sinodais afirmaram, significativamente, que os fiéis cristãos precisam de uma compreensão mais profunda das relações entre a Eucaristia e a vida cotidiana, pois a espiritualidade não é apenas a participação na missa e a devoção ao Santíssimo Sacramento, mas abraça a vida inteira (SC, 77)*

Na evolução das idéias do documento, a dimensão moral da Eucaristia é mais um ponto relevante. *“Ao participar da Eucaristia, o cristão deve ficar habilitado e comprometido a viver a caridade em todas as suas atitudes e comportamentos da vida” (cf.n.82).*

Iluminando o hiato sócio-político em que vivemos, a Exortação também chama atenção para que o culto eucarístico não se torne um ato meramente privado, sem conseqüências nas nossas relações sociais. *O documento exige o testemunho público da própria fé dos cristãos, valendo isso para todos, mas, de maneira especial, para aqueles que ocupam posição social ou política privilegiada e que devem tomar decisões sobre valores fundamentais (cf.n. 83).*

Assim, finalmente, algo que se tem muita dificuldade de compreender no contexto religioso atual são as implicações sociais do mistério eucarístico. *Da consciência da necessidade de se buscar a justiça, nasce a vontade de transformar as estruturas injustas, a fim de se restabelecer o respeito à dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus. Mesmo que não seja missão própria da Igreja tomar nas suas mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível (por conta da autonomia das realidades terrestres) e superando uma visão de cristandade, a Igreja não pode e nem deve ficar à margem da luta pela justiça (cf.n. 89).*

Com a ajuda dessas reflexões e confrontando-as com os deslocamentos e modos de entender a Eucaristia que o povo de Deus tem, vê-se uma imperiosa necessidade de se recuperar o sentido autêntico da Eucaristia da qual participamos todos os finais de semana, para que, de fato, seja motivadora de um estilo de vida compatível com o que celebramos, o Mistério Pascal. Isso exige uma formação intensa a partir das nossas paróquias e áreas pastorais.

#### **À LUZ DA EVANGÉLICA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES**

Geralmente vista com um olhar de suspeição por alguns, por ser considerada uma opção classista e fundamentada em categorias não cristãs a opção pelos pobres volta ao cenário da Igreja Latino-americana e Caribenha, no texto conclusivo fruto da V Conferência deste Episcopado, realizada em Aparecida de 13 a 31 de maio do ano em curso.

É precisamente no Capítulo 8º do documento em tela que aparece a opção preferencial pelos pobres e excluídos, dentro de um quadro maior intitulado “o Reino de Deus e a promoção da dignidade humana”, em continuidade com as Conferências anteriores, constituindo-se “numa das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DA, nº. 391). Portanto, é caminho consolidado e sem volta, e sua consagração se dá de maneira

especial porque se trata de uma opção verdadeiramente evangélica, implícita na fé cristológica. Ela nasce da nossa fé em Jesus Cristo, que se fez nosso irmão (cf. Hb. 2,11-12).

O texto é incisivo e afirma que *“hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores”* (Dap nº. 396) e explica no mesmo número o significado de preferencial: *“Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais”*, de onde se conclui que esta opção não pode se reduzir a uma prática das pastorais sociais e das CEB's, mas de toda a Igreja.

Esta opção tem implicações políticas, já que são várias as dimensões que ameaçam a vida destes nossos irmãos e irmãs. Neste sentido, apesar de incluir gestos solidários emergenciais, o texto os ultrapassa: *“Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços para serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação”* (DA, nº. 394). Percebam que entra aqui uma questão de cunho educativo, de trabalho com o povo, porquanto os pobres devem ser SUJEITOS, protagonistas, agentes de transformação, *“evitando-se assim atitude paternalista”* (DA. nº.397) da parte do agente externo, querendo fazer tudo por eles, impedindo que os mesmos cresçam em sua autonomia.

Nossas pastorais sociais estão fragilizadas por uma série de fatores que precisam ser analisados; mesmo assim elas se fazem presentes no processo evangelizador, colocando todos os esforços na defesa da vida ameaçada dos pobres. O documento é sensível a esta realidade e coloca como missão das Conferências Episcopais e das Igrejas locais *“promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral que, com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está ameaçada”* (DA. nº. 401).

Como resultado da globalização, o texto fixa o olhar no rosto de novos excluídos (apresenta mais de vinte em seu nº. 402) destacando entre estes alguns *“rostos sofredores que doem em nós”* dos números 407 a 430: pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos (HIV-Aids), dependentes de drogas e detidos em prisão.

Para estes casos, no nosso entendimento pastoral, se requerem mediações pastorais que ultrapassem o esquema da territorialidade paroquial, pois estas questões extravasam os estreitos limites jurídicos das paróquias. Neste sentido caberia bem aqui a criação de Vicariatos não territoriais.

Como o próprio texto indica, *“se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles”... E continua “eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs”* (Dap. nº. 393).

Vê-se, portanto que assumir esta opção não é tarefa fácil, especialmente porque estamos com uma prática pastoral que está marcada predominantemente por um sacramentalismo limitado ao templo, por um conceito de evangelização reducionista, com pouca incidência nas questões sociais, por uma burocracia que dificulta a presença junto aos mais pobres. Tudo isto vai exigir

uma renovação da Igreja e que o documento chama de CONVERSÃO PASTORAL – *“Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”* (DA, 365). Diante de novos desafios e da fidelidade ao Espírito Santo que é o protagonista da missão é que *“nasce a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais”* (DA, nº. 367).

#### PARA QUE TODOS TENHAM VIDA

O próprio texto das Diretrizes reafirma a convicção de que *“a missão dos discípulos é o serviço à vida plena”* (n. 65). O texto traz de uma certa forma não uma novidade, mas uma ênfase não só aos momentos extremos da vida (intra-uterina-aborto) ou sobrevida por aparelhos e desligamento dos mesmos (eutanásia), mas na vida nesta etapa da história. *“nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo. Por isso proclamam com vigor que as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o Projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior compromisso em favor da cultura da vida”* (DGAE, 2011-15, 66) e que *“o discípulo missionário abre seu coração para todas as formas de vida ameaçada desde o seu início até a morte natural...este é um tempo mais do que propício para a articulação e a integração de todas as formas de paixão pela vida”*(DGAE, 67).

É um momento articulado com a dimensão profética da Igreja, com a opção preferencial pelos pobres (afinal, a Igreja está convocada a ser *“advogada da justiça e defensora dos pobres – Dap.395 e DI do Papa em Aparecida*). e com os outros momentos do objetivo, já que se interpenetram entre si. O discípulo não deve se calar diante da vida que está ameaçada para nascer, mas igualmente *“não se cala diante da vida sem alimento, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé”*. (DGAE, 69).

#### RUMO AO REINO DEFINITIVO

Toda nossa ação pastoral e evangelizadora se situa no horizonte do Reino que Jesus Cristo construiu e, gratuitamente, deixou para nós. Por este motivo podemos afirmar que o futuro já foi construído definitivamente por esta Revelação e se traduziu numa proposta que nós encontramos nos Evangelhos. Dadas as precariedades da história, das fragilidade humanas este Reino já construído por Jesus está em andamento nesta mesma história e daí podermos afirmar a tensão escatológica do JÁ e AINDA NÃO. Nós caminhamos rumo ao Reino definitivo já dado à medida em que, nas nossas Galiléias, vamos sendo instrumentos da realização deste Reino em sinais, quando não cruzamos os braços diante daquilo que foi dito pelo Papa Paulo VI e está colocado neste texto no primeiro momento e que repetimos na conclusão desta contribuição: *“Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores, mas de chegar a atingir e como que transformar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação...É preciso evangelizar não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as suas raízes...”* (EN. 19-20).